

**REFLEXÕES SOBRE A INSERÇÃO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E
COMPLEMENTARES NO HOSPITAL DO SERVIDOR PÚBLICO
MUNICIPAL DE SÃO PAULO.**

Joseli Beatriz Suzin

Médica Acupunturista, Coordenadora do Setor de Práticas Integrativas e Complementares do Hospital do
Servidor Público Municipal de São Paulo – HSPM. E-mail: jbsuzin@gmail.com

Augusto Cezar Santomauro

Médico Cardiologista, Colaborador do Setor de Práticas Integrativas do HSPM, Professor da Escola de
Alquimia Contemporânea Joel Aleixo. E-mail: drsantomauro@gmail.com

Resumo

Já há algum tempo, o debate mundial sobre a saúde está entendido entre as maneiras de organizar o atendimento, com a crescente medicalização e o papel das práticas de saúde de um lado, e, de outro, pelos desafios impostos devidos as transformações epidemiológicas e demográficas. Sem dúvida, o desenvolvimento tecnológico e a especialização ocorrida nestes últimos tempos ampliaram a capacidade de diagnosticar e tratar os problemas de saúde, gerando maior expectativa de resultados dos potenciais benefícios da ciência, mas em contrapartida trouxe o encarecimento progressivo dos serviços médicos e uma insatisfação em relação à qualidade, resolutividade e possibilidade de acesso a esses serviços. Esse modelo de atendimento, se dá baseado em hierarquização das ações de serviços por níveis de complexidade, fazendo com que os quadros menos urgentes fiquem restritos às unidades básicas de saúde. Em face dessas premissas surge uma nova concepção de medicina, a Medicina Integrativa, dessa vez, com fundamento na saúde, e não na doença, colocando o paciente no centro da relação terapêutica. Esta perspectiva situa o ser humano como um todo indivisível, impensável de ser separado em corpo físico, mental e espiritual. Desta feita, com ênfase na cura, dentro de um contexto pessoal e interpessoal. A presente visão está em antítese ao modelo biomédico, mecanicista, que privilegia as partes da máquina humana e os processos bioquímicos que a fazem funcionar. O Ministério da Saúde incorporou as PICS ao SUS, isso fez com que o trabalho até então desenvolvido fosse finalmente reconhecido e a integralidade fosse oficialmente incorporada a atenção à saúde da população. Esta é uma oportunidade para o pensamento científico se renovar e crescer sob perspectivas mais universais, transcendendo qualquer sociedade, cultura ou momento histórico. Cumprindo seu papel na sociedade moderna, interagindo com essa sociedade e propiciando respostas à suas perguntas.
Palavras-chaves: Práticas Integrativas Complementares, Medicina Tradicional Chinesa, Acupuntura

Introdução

Já há algum tempo, o debate mundial sobre a saúde está entendido entre as maneiras de organizar o atendimento, com a crescente medicalização e o papel das práticas de saúde de um lado, e, de outro, pelos desafios impostos devidos as transformações epidemiológicas e demográficas. Estas são questões que ameaçam o financiamento dos sistemas de saúde juntamente com a explosão de gastos decorrentes do modelo hegemônico de pensar a saúde. (1)

Sem dúvida, o desenvolvimento tecnológico e a especialização ocorrida nestes últimos tempos ampliaram a capacidade de diagnosticar e tratar os problemas de saúde,

gerando maior expectativa de resultados dos potenciais benefícios da ciência, mas em contrapartida trouxe o encarecimento progressivo dos serviços médicos e uma insatisfação em relação à qualidade, resolutividade e possibilidade de acesso a esses serviços. (1)

Sem contar que, nos últimos quarenta anos a crescente especialização e tecnificação, resultaram em uma conseqüente fragmentação do atendimento, acompanhada de grande desumanização da prática médica. Dessa maneira, a relação médico-paciente se esvaziou progressivamente, em especial nos serviços públicos de saúde. (2)

Assim, os desafios colocados são a recuperação da dimensão cuidadora e a busca da integralidade no cuidado da saúde, com o contraponto do racionalismo lógico da assistência à saúde convencional.

A visão abrangente e sistêmica presente no conceito de saúde definido pelo SUS, fruto da lei 8080 de 1990, incorpora uma série de elementos que são condições necessárias para a saúde da população, identificando-a como diretamente relacionada às premissas geográficas e de infraestrutura básica, ao meio socioeconômico e cultural, como emprego, renda, educação, e a garantia de acesso aos serviços responsáveis pela promoção, proteção e recuperação da saúde. (3)

Esse modelo de atendimento se dá baseado em hierarquização das ações de serviços por níveis de complexidade, fazendo com que os quadros menos urgentes fiquem restritos às unidades básicas de saúde, concentrando nessas os esforços de promoção e prevenção em saúde.

Porém, com base nas novas concepções de cuidado, não se pode negar a importância de todos os aparelhos responsáveis pelo atendimento da saúde da população como coadjuvantes, senão protagonistas dessa atenção.

Em face dessas premissas surge uma nova concepção de medicina, a Medicina Integrativa, dessa vez, com fundamento na saúde, e não na doença, colocando o paciente no centro da relação terapêutica. Considerando uma abordagem holística que incorpora o foco no bem-estar físico, psicológico, social e espiritual dos indivíduos (4).

Esta perspectiva situa o ser humano como um todo indivisível, impensável de ser separado em corpo físico, mental e espiritual. Desta feita, com ênfase na cura, dentro de um contexto pessoal e interpessoal. A presente visão está em antítese ao modelo biomédico, mecanicista, que privilegia as partes da máquina humana e os processos bioquímicos que a fazem funcionar. (5)

Diante do presente contexto, nos idos da década de 80, visionários do Hospital do Servidor Público Municipal de São Paulo (HSPM), um hospital de atendimento secundário e terciário da rede municipal de São Paulo, atentos às mudanças que estavam ocorrendo e em especial após o reconhecimento da homeopatia como especialidade médica, abriram possibilidades para estruturar a clínica de Homeopatia e mais tarde em 1991, o setor de Medicina Tradicional Chinesa (MTC) – Acupuntura, incorporando assim as práticas dessa medicina milenar.

Deste fato, surgiu a inspiração de se construir uma escola de MTC para médicos, e assim o HSPM passou a ser um polo disseminador do modelo de cuidado utilizando os conhecimentos da medicina chinesa.

Aqueles anos foram muito promissores, passou-se a estudar a história natural da doença e compreender o processo de adoecimento, que segundo esta medicina, concebe a doença como resultado de fatores internos e externos, e devidos à ruptura do equilíbrio intrínseco e relacional.

Nesta oportunidade, passou-se a estudar os processos terapêuticos da MTC, e entre eles estavam as práticas físicas, e, em especial a Meditação *TC'han* de origem Budista chinesa, uma técnica que cultiva a disciplina mental, trazendo calma, tranquilidade e paz interior. Naquela época, os estudos já mostravam que meditar apresentava efeitos positivos sobre diversas doenças, entre elas, atuava no controle da pressão arterial, na diminuição do estresse, na melhoria do sono, ansiedade e depressão.

Esses conhecimentos foram as bases para se inaugurar no HSPM a primeira sala de Meditação em um hospital público no Brasil, que aconteceu em junho de 1999, este foi o pontapé para a implantação no hospital, das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde – PICS, que naquela época chamávamos de práticas físicas da MTC. Praticava-se o Lien Chi e o Lian Gong, ambas as técnicas corporais baseadas no conhecimento da medicina chinesa.

Em seguida, foi introduzido o Sekai Tai Chi, desenvolvido a partir da perspectiva dos pacientes que procuravam o hospital; idosos e com limitações físicas; era então, uma prática mais adequada aquela clientela.

Naquele momento, essas práticas eram disponibilizadas junto com a Meditação Médica, assim chamada porque fazia parte do arsenal terapêutico da Clínica de Acupuntura. Mas o espaço ainda estava sendo subutilizado e foi aí que surgiram terapeutas para compartilhar o espaço e a proposta.

Inicialmente, a Cura das atitudes, um grupo que trabalhava com pacientes

portadores de dores crônicas, com o objetivo de oferecer ferramentas para a condução do indivíduo à paz interior e à fraternidade. Em seguida, a Terapia Comunitária passou a compartilhar o espaço procurando atender a demanda que vinha da psiquiatria, oferecendo um espaço de escuta.

As próximas terapias foram a Dança Circular, que trouxe a alegria e a oportunidade de despertar o sentido de comunidade, de união entre as pessoas e a Arte Mahikari, uma prática de imposição das mãos para purificação espiritual buscando saúde, harmonia e prosperidade, foi a próxima aquisição.

Neste mesmo ano, o Ministério da Saúde incorporou as PICS ao SUS, isso fez com que o trabalho até então desenvolvido fosse finalmente reconhecido e a integralidade fosse oficialmente incorporada a atenção à saúde da população.

Nos anos seguintes, muitas outras terapias foram agregadas como o Reiki, a Reflexologia Podal, ambas as práticas que movimentavam uma quantidade enorme de usuários. Depois, veio a Meditação Shikantaza, uma prática que era realizada por monges com o objetivo de exercer a atividade dinâmica de estar totalmente presente. O Johrei, também uma prática de imposição de mãos, foi a seguinte. O Tai Chi Chuan, essa preciosa prática permitiu aos mais idosos compreender sua importância no fortalecimento do corpo e da mente.

Já em 2010, estabelecemos uma parceria com a ONG Mãos sem Fronteiras, que introduziu a estimulação neural uma técnica que usa os campos eletromagnéticos do corpo para acelerar a atividade neural e atuar na regeneração celular, trazendo equilíbrio duradouro a saúde física, mental e emocional.

Tivemos em seguida a Escuta Amiga, inspiradas nos tempos religiosos, a Terapia Vibracional que também trabalhava com a energia, a Terapia do Som com Tigelas de Cristal, usando o som puro para equilibrar o indivíduo.

Nesse caminho muitas outras práticas estiveram presentes como o Coaching, a Ayurveda, a Meditação do Silo, a Dança do Ventre, o Mindfulness, o Origami, e outras ainda que contribuíram de forma definitiva para o engrandecimento do trabalho.

Em 2016, essa trajetória nos permitiu participar da construção da Residência Multiprofissional em PICS da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, importante momento para a disseminação dessas práticas.

Ainda, nos anos seguintes incorporamos a Massoterapia, a Barra de Access, os Florais de Bach, a Hipnoterapia, os Florais Alquímicos de Joel Aleixo, a Constelação Sistêmica familiar e finalmente em 2021 a Terapia Essencial.

Inquestionável foi a contribuição de todos, e de forma fundamental para a realização desse trabalho, que só foi possível devido a preciosa cooperação dos voluntários trazendo sua *expertise*, das instituições e ONGS parceiras, que sem eles nada seria possível.

Durante esses 22 anos de trabalho, já realizamos mais de 150 mil atendimentos, e isso nos permitiu comprovar as teorias da importância da qualidade de vida, do bem-estar, dos fatores subjetivos do adoecimento.

Também, entendendo a importância da comprovação científica estamos empenhados nessa produção. Sabemos que todos que trabalham com as PICS trazem uma visão não convencional que desconstrói a forma vigente de pensar a saúde, mas a história está repleta de exemplos nesse sentido, seja na ciência, na filosofia ou nas artes. Um dos mais emblemáticos talvez tenha sido o de Galileu Galilei e a sua proposta heliocêntrica que entrou em conflito com o paradigma geocêntrico então dominante.

O propósito maior da ciência deve ser compreender cada vez mais o universo, e como não ter essa oportunidade, senão através de processos competitivos com paradigmas alternativos.

Conforme cita Madel Therezinha Luz, ao comparar no campo religioso duas religiões distintas, “muitas guerras ocorreram pela incapacidade dos que sustentavam uma determinada cosmologia em perceber que uma alternativa a ela não significa, necessariamente, uma ameaça de desintegração”. Que ao contrário, pode significar revitalização e geração de energia, frente a suas próprias ameaças internas como a estagnação, o enrijecimento e o decesso. (2)

Esta é uma oportunidade para o pensamento científico se renovar e crescer sob perspectivas mais universais, transcendendo qualquer sociedade, cultura ou momento histórico. Cumprindo seu papel na sociedade moderna, interagindo com essa sociedade e propiciando respostas às suas perguntas.

Referências

(1) Feuerwerker LCM. Cecílio LCO. O hospital e a formação em saúde: desafios atuais. *SciELO Saúde Pública*, 2007, (965-971). Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csc/2007.v12n4/965-971/pt>.

(2) Luz, Madel Therezinha. A arte de curar *versus* A ciência das doenças: História social da homeopatia no Brasil. Coleção Clássicos da Saúde Coletiva. Editora Rede Unida, 2ª

edição, Porto Alegre, 2014.

(3) Borba GS, Kliemann Neto FJ.. Gestão hospitalar: identificação das práticas de aprendizagem existentes em hospitais. Saúde e Sociedade (44- 60) Disponível em: <https://scielosp.org/article/sausoc/2008.v17n1/44-60/>.

(4) Ceccim RB. A difusão da dimensão cuidadora da saúde, a invenção de mundos e a comunicação do conhecimento como superfícies de contágio. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/icse/2008.v12n24/05-05/pt>.

(5) Padovan Otani, MA, Filice de Barros, N. A Medicina Integrativa e a construção de um novo modelo na saúde. Ciência&SaúdeColetiva. 2011;16(3):1801-1811.